

Editorial

No frontispício¹ daquela que é considerada não só a maior empreitada editorial do século XVIII, mas também a melhor expressão do espírito de sua época, a *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Arts, des Sciences et des Métiers*², vê-se a Verdade radiante, rodeada por uma luz intensa tendo à sua direita a Razão e a Filosofia a lhe levantarem e arrancarem o véu. À sua esquerda, a Imaginação a quer coroar e dispõe ao seu redor dos diversos gêneros da Poesia – épico, dramático, satírico e pastoral, bem como da Música, da Pintura, da Escultura e da Arquitetura. Aos seus pés, a Teologia aparece ajoelhada. Reunidas do mesmo lado, a Memória e a História são amparadas pelo Tempo. Acima, dois grupos: a Astronomia, a Geometria, a Física, e a Ótica, a Botânica, a Química, a Agricultura. Abaixo, as Artes e as Profissões decorrentes das Ciências.

Toda essa simbologia traduzia o ideal enciclopédico da ampla difusão do saber, cuja intenção era retirar os indivíduos da menoridade provocada pela ignorância, ao aproxima-los do conhecimento libertador. Quanto mais pessoas fossem alfabetizadas, mais acesso aos jornais, aos livros, as discussões nos cafés e nos salões – quanto mais ocorresse a apropriação do conhecimento, maior a sua expansão. Defendia-se, assim, a figura do intelectual engajado capaz de guiar as consciências, pois tudo

1 Desenho de Charles Nicolas Cochin (1715-1790) finalizado em 1764 e gravado por Benoît-Louis Prévost (1747-1804) em 1772, para a primeira edição.

2 Editada por Denis Diderot e D’Alembert, a publicação que durou 21 anos de 1751 a 1772 teve 17 volumes de verbetes em ordem alfabética, além de 11 volumes de pranchas com desenhos alusivos. Pela primeira vez, disponibilizava-se a um público amplo de leitores, o conhecimento até então produzido pelas artes e pelas ciencias.

deveria poder passar pelo crivo da razão soberana e dessa forma alcançar o esclarecimento necessário e fundamental à compreensão.

Não por acaso, o século XVIII foi chamado de o século das Luzes, cujas ideais principais foram a liberdade, a igualdade, a humanidade na expressão da Revolução Francesa, mas também a tolerância. Não se trata apenas do uso de uma expressão – Luzes – e sua equivalência a um período histórico, mas a ampla renovação intelectual e cultural iniciada no Renascimento que visava afirmar o triunfo da razão em diversos campos do saber. Como todo movimento histórico, seu processo de formação foi lento e teve início ainda na segunda metade do século XVII, para se consolidar na sequência. Gradativamente, solidificou-se a crítica ao longo período medieval e a seu suposto obscurantismo, apenas superado pelo advento da modernidade. Para o século das Luzes há um tempo das sombras ao qual ele se opõe, ou seja, um tempo de tutela da razão pelos poderes teológico e político. Já o esclarecimento afirmava o conhecimento racional livre e ordenado de indivíduos autônomos porque capazes de usar sua razão de forma crítica, sem submissão a qualquer força externa a ele.

No entanto, o significado da metáfora – luz e sombra – permanece atual e pode instigar nossa reflexão no momento presente.

O propósito deste número da Revista *Poliética* é partir dessa metáfora e indagar sobre sua possibilidade hoje, a partir de diferentes saberes. Trata-se de discutir, três séculos depois, sobre o conhecimento humano como o resultado mais extraordinário da capacidade reflexiva humana e ao mesmo tempo portador do seu oposto, o obscurantismo das sombras. E novamente as sombras aí estão a desvalorizar a cultura, a negar a ciência, a veracidade das pesquisas, a por em risco a sociedade democrática e plural da diversidade. Sem dúvida, esse é o caminho mais curto para extinguir a consciência crítica e a vontade transformadora.

Certamente, hoje, temos outras trevas a combater:

- a proximidade nefasta entre a ignorância, o autoritarismo e a desigualdade pornograficamente “civilizatória”;
- a ausência de pensamento crítico frente a sujeição da superstição;
- a escravidão – não mais a da senzala, mas a dos invisíveis a margem do sistema – e suas formas plurais de tortura expressas no racismo, nas questões de gênero e no feminicídio;
- a crença no progresso como o esclarecimento redentor da barbárie, mas no qual uma parcela significativa de indivíduos quer a sua parte em dinheiro e não em conhecimento.

No entanto, apesar das diferenças a nos separar nesse espaço de três séculos, talvez possamos mais uma vez perguntar pelas Luzes, não as do século XVIII, mas as deste século XXI ainda longe do combate ao fanatismo obscurantista e sua sombra, mas que o horizonte sempre além da utopia aponta para “a Verdade radiante, rodeada por uma luz intensa tendo à sua direita a Razão e a Filosofia a lhe levantarem e arrancarem o véu”. Essa é a força do conhecimento que a estupidez ignorante não pode impedir.

* * *

O artista plástico **Antonio Helio Cabral**, escreveu para este número o poema *Iluminações ao pé de um poço*. Nele, Cabral confronta-se com a questão maior da Filosofia tal como o artista se confronta com a tela vazia antes de a dominar. Em ambos os processos, uma passagem da sombra à luz.

Celso Favaretto, em seu artigo *Entre luzes e sombras, a arte contemporânea*, destaca que para a arte moderna os contrastes luminosos buscavam expressar maior veracidade em seu modelo de compreensão do mundo. Já para a arte contemporânea, a transparência não tem a importância da modernidade, dada as múltiplas formas de dizer a obra de arte.

Christophe Martin, em *Entre sombras e luzes. A cultura da curiosidade e suas ambivalências no século XVIII*, analisa dois movimentos opostos ali presentes: o prometeico e o órfico. Embora divergentes, ambos traduzem a resposta do Século das Luzes a uma nova cultura da curiosidade ali presente – de um lado violência, de outro admiração.

Esta edição conta também com um artigo do Professor **Paolo Quintili**, da Università degli Studi di Roma “Tor Vergata”, que propõe uma reflexão sobre as bases iluministas do movimento negro de emancipação no Haiti, concentrando-se na figura de Toussaint Louverture.

Em *Pandemias, cidades e vulnerabilidade*, **Paulo Saldiva** retoma a percurso do homem originário e isolado ao homem socializado e habitante das cidades. Por um lado, os homens se tornaram sedentários e colaboradores entre si, por outro, ao mesmo tempo que dominavam a Terra e a ocupavam, também criavam condições de deterioração para sua própria existência. Simultaneamente, estavam dadas as condições para a afirmação das Luzes do processo civilizatório e para o sombrio aprofundamento da desigualdade e a conseqüente expansão da pobreza de que a as pandemias são o exemplo.

Pedro Serrano, em seu texto *Estado de exceção e autoritarismo líquido na América Latina*, em um jogo de claro e escuro, aproxima os conceitos de Estado de exceção e autoritarismo líquido para discutir como nas democracias da América Latina aquele autoritarismo estatal tem se valido da do uso exacerbado da defesa legalidade como justificativa da perda da liberdade por boa parte das populações pobres e excluídas.

Salma Tannus Muchail, *Descontinuidade e transição*. O artigo de Salma Muchail recupera a periodização proposta por Foucault desde *Loucura e desrazão: história da loucura na idade clássica*, concentrando-se em *As palavras e as coisas* e apontando ao menos para duas direções. A primeira delas remete simultaneamente a um Foucault dedicado ao estudo da Idade Clássica (séculos XVII-XVIII) – lá se instaura um modo de ser particular de nosso saber que merece atenção –, e a uma maneira de compreender a história que nos permite situar as Luzes no limiar entre a Idade Clássica e a Modernidade. A segunda indaga acerca de uma possível ruptura instaurada pela sombra da pandemia de COVID-19 como condição de possibilidade de transformação de nosso modo de ser.

Entrevista: **Marcio Pochmann**.

Resenha: **Silvana Tótora**. *Miguel Abensour: um pensamento insurgent*, de Patrice Vermeren.

Boa leitura!

Maria Constança Peres Pissarra